



## TEORIA E PRAXIS DO FEMINISMO ACADÊMICO

Simone Andrade Teixeira<sup>1</sup>  
Sílvia Lúcia Ferreira<sup>2</sup>

É consenso entre as pesquisadoras brasileiras que o feminismo que se desenvolveu no Brasil a partir da década de 1960 se deu sob influência dos feminismos anglofônicos e francofônicos. O ideário de então, que ultrapassava os limites das reivindicações bem comportadas do feminismo liberal (acesso a educação, ao trabalho, ao voto) foi acolhido por mulheres, feministas ou simpatizantes, que apregoaram os slogans que marcaram a época: “Nosso corpo nos pertence”, “O pessoal é político”, “Diferentes, mas não desiguais”.

No Brasil, o ideário feminista teve sua difusão dificultada em decorrência da ditadura militar instaurada em março de 1964, que restringia a liberdade de expressão e reprimia as reuniões e manifestações públicas com violações dos direitos humanos, tais como de liberdade, do direito à vida e de integridade física e mental dos cidadãos.

Apesar de toda a adversidade política e proibições de reuniões públicas, as mulheres influenciadas pelos feminismos do hemisfério norte souberam, segundo Saffioti (s.d.), encontrar as brechas deixadas pela ditadura e introduzir suas cunhas. A reorganização da militância feminista no Brasil se deu a partir do intercâmbio com outros países e a partir da atitude da ONU de declarar o ano de 1975 como ano internacional da mulher.

A militância feminista é concebida nesta pesquisa como toda e qualquer ação que se desenvolva para a difusão do pensamento feminista. Dessa forma, a concepção de militância aqui adotada extrapola as atividades desenvolvidas nas ruas ao incorporar ações feministas que já eram praticadas antes de 1975, como as pesquisas sobre a mulher desenvolvidas na academia, as reuniões em casas de amigas e a constituição de grupos de reflexão feministas.

Com o objetivo de identificar as formas de aproximação com o feminismo esta pesquisa realizou entrevistas com acadêmicas feministas do campo da saúde coletiva que integravam Grupos de Pesquisa- GP - registrados no diretório de GP do CNPq e que tinham linhas de pesquisa sobre Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos. Para análise dos dados produzidos foi utilizada a técnica de análise de conteúdo baseada em Bardin (2002) e Amado (2000 e 2009). O universo amostral foi

---

<sup>1</sup>Doutoranda Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM/UFBA. Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB. mone.enf@hotmail.com

<sup>2</sup> Sílvia Lúcia Ferreira. Doutora. Escola de Enfermagem da UFBA. Pesquisadora permanente do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher/ NEIM/UFBA. silvialf@ufba.br



composto por 6 acadêmicas feministas de diferentes GP de universidades públicas brasileiras, que em decorrência do acordo firmado por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, o anonimato foi preservado e foram atribuídos os seguintes pseudônimos às entrevistadas: Christine, Olympe, Michele, Bell, Judith e Anne.

Este artigo é resultado de uma pesquisa mais ampla, ainda inconclusa, que busca identificar as estratégias adotadas por feministas acadêmicas do campo da saúde coletiva para a inserção da temática dos Direitos sexuais e dos Direitos Reprodutivos em suas atividades de docência.

#### 1. Das aproximações com o feminismo

As entrevistas realizadas revelam que a aproximação com o feminismo dessas professoras se deu em diferentes circunstâncias e espaços temporais, contextualizados tanto durante o período mais duro da ditadura militar, quanto no período de redemocratização do país. As formas de aproximação das mulheres com o feminismo foram variadas e aconteceram em diferentes momentos. Sobre sua aproximação com o feminismo, Michele relata que:

[...]Só que naquele momento, ainda na graduação, eu me envolvi com o feminismo, no caso em 1975, eu fiz parte da equipe que fez a primeira, o primeiro debate público sobre construção do papel da mulher na sociedade brasileira, junto com Branca Moreira Alves, Jaqueline Pitanguí, a Leila Linhares, a Mariska de Oliveira..., eu tinha 20 anos naquela ocasião [...]a Maria Helena Darcy de Oliveira tinha... [...] conhecia vários livros vindos do feminismo francês. Ela me apresentou muitas coisas e eu comecei a ler e a partir daquilo a gente se reuniu, ela conhecia Branca Moreira Alves e houve esta primeira reunião para a gente formar o que foi o “ano internacional da mulher”, que foi comemorado pela ONU.

A fala de Michele explicita alguns dos elementos fundamentais que proporcionaram a aproximação com o feminismo citados pelas entrevistadas: ser universitária, manter contatos com feministas, leitura de textos feministas e a militância feminista. Esta foi exemplificada por Michele através da organização do evento denominado “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira”<sup>3</sup>, considerado por muitas autoras como o evento fundador do feminismo organizado no país.

O espaço da universidade aparece como o local predominante onde se deram os contatos entre as entrevistadas com o feminismo, fossem como estudantes ou como docentes. Sobre sua identificação com o feminismo Anne relata que,

---

<sup>3</sup> O referido evento ocorreu no Rio de Janeiro, em julho de 1975, na Associação Brasileira de Imprensa – ABI. Em entrevistas concedidas a Pedro (2006), tanto Rose Marie Muraro quanto Maria Luíza Heilborn afirmaram que foi Mariska de Oliveira quem conseguiu recursos junto à ONU para a realização desse acontecimento. A partir desse evento foi constituído o Centro da Mulher Brasileira no RJ e a formação de outros espaços feministas no Brasil, a exemplo do Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira de São Paulo, em outubro de 1975.



[...] até eu entrar na faculdade eu nunca tinha me colocado muito disso do ponto de vista identitário [...] e tinha uma amiga que eu fiz e que é minha amiga até hoje, que ela era absolutamente feminista, Isadora<sup>4</sup>, ela era nascida lá, tinha uma consciência muito aguda da discriminação. Depois, aos poucos eu fui conhecendo detalhes, por exemplo, como ela não era mais virgem é... quando ela chegava no ginecologista eles deixavam ela esperando mais tempo do que as outras pessoas, então ela tinha uma consciência muito aguda disso...

Anne relata que sua mãe foi a primeira feminista que conheceu e que sempre foi estimulada a ser independente. Entretanto, sua identidade com o feminismo se deu a partir dessa relação de amizade, ao se sentir tocada pelo sentimento de discriminação sofrido pela amiga feminista.

A universidade também foi o espaço de aproximação com o feminismo para Judith, Olympe e Bell. Judith revela que sua aproximação se deu na academia, a partir dos estudos de gênero:

Na verdade, durante ainda o final da graduação eu já fui me aproximando dos estudos de gênero. Quando estava no mestrado eu fiz um estudo essencialmente sobre mulheres, não era ainda dentro de uma matriz feminista, no doutorado já trabalhei diretamente com teoria feminista.

Os estudos de gênero também aproximaram Olympe do feminismo, em 1988. A entrevistada, que já era docente universitária na época, revelou que sua aproximação com o feminismo se deu: “*Quando entrei no NEMGE*<sup>5</sup>”. Na época, ela estava fazendo sua tese de doutorado sobre o perfil reprodutivo das mulheres segundo as classes sociais e descobriu que a classe, enquanto categoria de análise, não explicava alguns fenômenos que apareceram, dentre eles o da violência contra a mulher. Foi na busca pela compreensão desses fenômenos que ficou sabendo de um curso sobre gênero no departamento de sociologia da FFLECH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da USP - Universidade de São Paulo - que seria ministrado por Eva Blay e Carmen Barroso. Ela não apenas fez o curso, como passou a integrar o NEMGE e se identificar como feminista.

Bell, que também já era docente universitária, relatou sua aproximação com o feminismo por duas vias, ambas em 1987: “acho que tem um marco disso que foi minha entrada no NEIM<sup>6</sup> e o encontro feminista de Garanhuns”. Ao relatar sobre sua aproximação com o feminismo, a ênfase da fala da entrevistada recaiu sobre sua participação no citado encontro feminista:

O que ele me sensibilizou, chocou algumas vezes, botou um bocado de coisa de ponta cabeça. Foi a 1ª vez que vi realmente se discutir isso. Se discutir seriamente. [...] Então, ali que eu pude ver na prática, por exemplo, muitas das coisas que eu já falava sobre... [...] Por exemplo, falar de direitos sexuais e reprodutivos. Foi quando eu vi falar abertamente e discutir seriamente sobre opções sexuais, lesbianismo, ou outras formas de relacionamentos sexuais, sobre direitos reprodutivos, sobre aborto, sobre direito ao aborto, ao corpo, foi onde eu realmente me defrontei, de uma vez só, com toda essa discussão feminista. Porque o encontro era feminista. [...] Não existia aula...todas as coisas passavam a partir das experiências das pessoas, todas as discussões eram

<sup>4</sup>Nome fictício.

<sup>5</sup>O NEMGE foi fundado em 1985 com a denominação de Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher. Em 1988 a USP regulamentou os núcleos de apoio e passou a ser denominado de Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero (<http://www.usp.br/nemge/>).

<sup>6</sup>NEIM - Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, fundado em 1983 (<http://www.neim.ufba.br/site/>).



das experiências das pessoas, pelo menos das que eu participei. Tinha vivências, oficinas... foi quando inclusive eu participei de uma oficina, me submeti a uma oficina de auto exame ginecológico que foi uma experiência surreal. [...] Inclusive eu passei a adotar dali em diante, né? Fiz alguns trabalhos com mulheres de periferia a partir dessa experiência que eu acho que é fantástica.

A práxis feminista para a construção de uma nova perspectiva proporcionada pelas vivências, que tem na troca das experiências vividas seu principal alicerce, parece ter proporcionado maior mobilização da entrevistada em relação ao feminismo. A experiência vivida é trazida como uma fonte que mobilizou a construção de um conhecimento que objetivava, dentre outros fins, o auto-conhecimento. Seu relato sobre a mobilização e o aprendizado ocorrido através de uma oficina feminista é um exemplo de como uma metodologia pode adotar uma objetividade científica ressignificada e proporcionada por uma perspectiva parcial defendida por Haraway (1995).

A aproximação de Christine se deu de forma bastante diferenciada. Embora também fosse estudante universitária, Christine, que era militante política de um partido de ideologia comunista, relata que sua aproximação com o feminismo,

Se deu na cadeia, quando eu fui torturada e torturaram a minha filha na minha frente... para que eu falasse, e não torturaram minha filha na frente do pai dela. Não que eu quisesse que ele sofresse a mesma dor que eu sofri, mas comecei a me perguntar porque, e aí eu...tive a resposta que eu era mulher, mãe, e na compreensão patriarcal dos torturadores e aí, machista, eles pensaram que torturar na minha frente, o simbólico da maternidade faria eu me fragilizar.

Ela relata, ainda, que foi na solidão da prisão, a partir de suas próprias reflexões que chegou à conclusão de que o machismo e a força do patriarcado alicerçavam as condutas violentas às quais era submetida e que depois buscou a literatura feminista para tentar compreender melhor a violência à qual fora sujeitada.

Enquanto a universidade é citada como o principal espaço que favoreceu o contato com o feminismo, a matéria propulsora dessa aproximação foi o interesse das entrevistadas pela temática relacionada à sexualidade e à reprodução. O vanguardismo do feminismo ao discutir sobre o corpo, a sexualidade e as orientações sexuais foi apontado por Bell, ao citar que foi a primeira vez que viu esses temas serem tratados de forma diferenciada. Tal fato é respaldado por autoras como Scavone (2004), Ferreira (2000) e Ávila (1993) ao reconhecerem que foi a partir do movimento feminista que a sexualidade se constituiu objeto de estudos no campo das ciências sociais e da saúde.

#### 1. Formas de aproximação com a temática saúde sexual e reprodutiva com perspectiva feminista

Eu me lembro que a primeira vez que eu ouvi isso foi aqui na escola; uma pessoa que veio falar contra o planejamento familiar, aquele planejamento familiar...[...] E eu me lembro que eu pensava assim: meu Deus tem alguma coisa aí que eu preciso ir atrás. Eu preciso ir atrás disso. Com as discussões é...[...] Quando a gente começou a ficar mais crítica em relação a isso, que a gente começou a ver que na verdade não era bem aquilo, né? Que era só uma forma a mais de denominação, via as mulheres e tal, a gente começou a fazer...[...] E comecei a procurar as críticas, então, que se faziam naquele momento. Uma a, a todo aquele trabalho da



BEMFAM, por que quando veio para o Brasil e começou, a proposta da BEMFAM era uma proposta extremamente humanitária. Não tinha essa percepção que a gente tem hoje, e que teve logo depois de uma coisa de dominação, do IPPF<sup>7</sup> e tal. Ela não veio com essa cara, ela veio com uma cara de uma coisa humanitária. [...]E eles faziam discurso do não controle de natalidade, que não era controle de natalidade, que era planejamento familiar. E aí eu comecei a fazer pesquisa nisso. Fiz várias, umas quatro, cinco. E sobre isso....[...] Enfim, foi uma aproximação que vem lá do planejamento familiar e se transforma na discussão dos direitos sexuais e reprodutivos. [...]

A fala de Olympe revela que seu despertar para a crítica feminista acerca da saúde sexual e reprodutiva se deu na universidade, a partir de um pronunciamento contrário ao planejamento familiar desenvolvido pela BEMFAM, principal agente da IPPF, instituição norte-americana.

Para Olympe, que desde o início da carreira universitária trabalhava com planejamento familiar, o desenvolvimento de um pensamento crítico sobre a sexualidade e a reprodução das mulheres aconteceu como uma evolução do seu trabalho, inclusive nas discussões sobre o PAISM, que trazia em sua concepção o pensamento feminista. Segundo a entrevistada, “*eu participava das discussões sobre o PAISM. Por exemplo: aquelas capacitações que foram feitas para o PAISM, eu participei de todas elas. Eu fui capacitada e depois eu fiz muitas capacitações*”.

Bell, ao refletir sobre sua aproximação com o pensamento feminista acerca da temática da sexualidade e da reprodução cita: “*Particularmente eu acho que foi uma formação que eu participei em Pernambuco, do SOS Corpo*”. De fato, em decorrência da ineficiência do Estado em relação à promoção da saúde sexual e reprodutiva das mulheres, as Organizações não Governamentais – ONG – passaram a ocupar parte do espaço deixado pelo Estado, contribuindo como espaço de treinamento interdisciplinar para profissionais da rede pública, assim como no desenvolvimento de atividades promotoras do auto-conhecimento e empoderamento das mulheres acerca de seus próprios corpos.

Judith, ao refletir sobre sua aproximação com a referida temática relata que:

Na verdade eu fazia o doutorado quando fiz aquele curso do NEPO, lembra? Era um curso que eles davam de saúde sexual e direitos sexuais e reprodutivos, sempre, durante 10 anos. Eu acredito que uma geração de pesquisadores passou por ali que hoje trabalha nesta área, eu fui da quarta ou da quinta turma, em 96...

A fala de Judith nos apresenta a contribuição do NEPO<sup>8</sup> no sentido de qualificar profissionais para o exercício de pesquisas nos campos da sexualidade e da reprodução. Trata-se de uma iniciativa da academia, cujas docentes têm afinidades com o pensamento feminista. A

<sup>7</sup>International Planned Parenthood Federation – IPPF.

<sup>8</sup>NEPO - Núcleo de Estudos de Populações da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. A linha de pesquisa “Saúde Reprodutiva e Sexualidade” desse núcleo visa aprofundar a discussão sobre os aspectos legais, políticos, éticos e técnicos presentes nas questões da sexualidade e da reprodução. Como projetos constam o Programa de Estudos em Saúde Reprodutiva e Sexualidade e o Programa Interinstitucional de Treinamento em Metodologia de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Reprodução. Ambos são interdisciplinares que qualificaram profissionais para o exercício de suas funções no campo da sexualidade e da reprodução (<http://www.nepo.unicamp.br/nepo.html>).



qualificação que Judith se referiu foi o V Programa de Estudos em Saúde Reprodutiva e Sexualidade. A aproximação da entrevistada com a temática sob a ótica feminista se deu, portanto, por meio da militância feminista na academia.

Anne, por sua vez, destaca que o cenário da época foi muito propício à sua aproximação com a temática:

Tem toda uma coisa aí já de maior engajamento em grupos feministas no Rio e da reflexão, da leitura ... [...]com o retorno das mulheres exiladas em 1980, basicamente, que é o começo do retorno delas e é... principalmente as que estavam vindo da França, então foi um momento assim extremamente rico, que deu uma outra qualidade ao debate feminista no Rio de Janeiro, que era o lugar onde eu estava. E então todas aquelas idéias do nosso corpo nos pertence, é... as estratégias de organização, do movimento feminista que começava a mudar, o surgimento dos coletivos dá, a idéia de redes de estruturas não hierárquicas...

A fala de Anne rememora a efervescência política e de idéias da década de 1980, que foi marcada por várias conquistas do movimento feminista e de mulheres em geral que, dentro de um processo de reconstrução das instâncias da democracia, viram tornar realidade algumas de suas reivindicações, dentre elas: a implantação, pelo Ministério da Saúde, do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher – PAISM, a criação dos Conselhos dos Direitos da Mulher - CDM, nos níveis nacional, estadual e municipal e as Delegacias de Atendimento à Mulher vítima de violência – DEAM. Ainda nessa década, mulheres atuaram ativamente na reorganização partidária<sup>9</sup>, nas eleições para os diversos níveis, na reelaboração da Constituição do país<sup>10</sup> e nas eleições presidenciais.

### *Considerações finais*

---

<sup>9</sup> Segundo Pinto (2003, p.79) “As eleições de 1982 haviam dividido as militantes feministas em dois grandes grupos, as peemedebistas e as petistas”.

<sup>10</sup> O CNDM capitaneou uma ampla campanha nacional pelos direitos das mulheres na nova constituição, através de uma campanha nacional com os lemas *Constituinte Para Valer tem que ter Palavra de Mulher* e *Constituinte para Valer tem que ter Direitos da Mulher*. No final de 1986 o CNDM organizou um grande encontro nacional em Brasília, no Congresso Nacional, para o qual se deslocaram centenas de mulheres de todas as regiões do país e na qual foi aprovada a *Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes*. Em março de 1987, quando da inauguração do Congresso Constituinte, esta Carta foi entregue pela Presidente do CNDM, Sra. Jaqueline Pitanguy, ao deputado Ulisses Guimarães, Presidente do Congresso Nacional. A partir de então teve início um grande movimento de luta pelos direitos das mulheres na constituição, que ficou conhecido como *O Lobby do Batom*, que foi um movimento de sensibilização dos deputados e senadores sobre a relevância de considerar as demandas das mulheres para a construção de uma sociedade guiada por uma Carta Magna verdadeiramente cidadã e democrática. Com a promulgação da Constituição, em outubro de 1988, as mulheres conquistaram a maioria expressiva de suas reivindicações (<http://www.cepia.org.br/images/nov089.pdf>). Acesso em 14/08/09.



O espaço universitário foi o local por excelência das aproximações das entrevistadas, quer seja como estudantes ou professoras, fato que aponta a universidade como importante espaço de difusão e adesão de mulheres e homens ao pensamento feminista.

A principal forma de aproximação com o feminismo se deu através de contatos pessoais com feministas, fossem professoras, amigas ou colegas de universidade, fato sugestivo de que a livre divulgação do pensamento feminista (entendida como todas e quaisquer oportunidades de expressar o pensamento feminista) se constitui como importante estratégia de agregação de pessoas ao feminismo.

Ao ampliarmos a concepção de militância para além da militância clássica das ruas e incorporarmos a produção da literatura feminista, podemos afirmar que todas as entrevistadas se aproximaram do feminismo em consequência da militância feminista ou práxis feminista através: da literatura (livros, artigos, dissertações, teses, panfletos), de palestras proferidas, de programas de treinamento oferecidos por universidades, de capacitações em ONG feministas, de cursos de qualificação para a implantação do PAISM.

A elaboração do PAISM, que contou com a participação de feministas, e seu processo de implementação, enquanto política pública oficial do Estado brasileiro para as mulheres, findou por se constituir como uma estratégia de divulgação do pensamento feminista por todo o país. A fundamentação teórico-filosófica do programa se constituiu numa ruptura paradigmática do binômio mãe-filho prevalente nas políticas de saúde para mulheres até então. O PAISM incorporou a dimensão da integralidade da atenção e da determinação social dos agravos de saúde, além de reconhecer que as mulheres são capazes de fazerem suas escolhas sexuais e reprodutivas desde que devidamente esclarecidas.

O interesse das entrevistadas acerca da temática da sexualidade, da reprodução e da saúde integral da mulher aparece como elemento facilitador da aproximação com o ideário feminista. Este ideário apresentava, e ainda apresenta, novas reflexões e perspectivas teóricas que enriqueciam a construção de um conhecimento que queria ser politizado. Essas novas reflexões e perspectivas extrapolavam o domínio das ciências biológicas e incorporavam reflexões da sociologia, da história e da antropologia sobre a saúde, os corpos e as sexualidades das mulheres.

Se a universidade foi o principal local de aproximação com o feminismo, as reflexões sobre a sexualidade e a reprodução desenvolvidas pelo feminismo foram as catalizadoras dessa aproximação.



Das aproximações iniciais com o feminismo e com a temática da saúde sexual e reprodutiva sob o prisma do feminismo, as acadêmicas entrevistadas contribuíram para a consolidação do campo de estudos sobre a mulher/gênero/feministas no país. Essa consolidação se deu através da fundação e/ou participação em núcleos de estudos de gênero e da mulher, fundação/participação em ONG feministas, publicações de pesquisas, inserção dos estudos sobre mulher/gênero/feministas nas universidades.

### *Bibliografia*

AMADO, João (2000). A Técnica da Análise de Conteúdo. *Referência*. Revista de Educação e Formação em Enfermagem (E.S.E. Dr. Ângelo da Fonseca - Coimbra), n.º5, pp. 53-63.

AMADO, João da Silva (2009). Introdução à Investigação Qualitativa em Educação. (Relatório a apresentar nas provas de Agregação). Coimbra: Universidade de Coimbra (Texto não publicado).

Bardin L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70. 2002.

ÁVILA, Maria Betânia. Modernidade e Cidadania Reprodutiva. **Revista estudos Feministas**, Rio de Janeiro, CIEC/ECO/UFRJ, v.1, n.2, p.382-93, 1993.

FERREIRA, Sílvia Lúcia. O movimento feminista e a formulação de políticas de saúde: ações e desafios. In.: SALES, C.M.V. e AMARAL, C.G. **Feminismo, memória e história**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2000. p.97-105.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminino e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu** (5), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 1995.

PEDRO, Joana Maria. Militância Feminista e Academia: sobrevivência e trabalho voluntário. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(1): 288, janeiro-abril/2008.

\_\_\_\_\_. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 26, n. 52, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.

PEDRO, Joana Maria. “Feminismo e gênero na universidade: trajetórias e tensões da militância.” *História Unisinos*, São Leopoldo/RS, v. 9, n. 3, p. 170-176, 2005.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. – (Coleção História do Povo Brasileiro).



SCAVONE, Lucila. **Dar a vida e cuidar da vida: feminismo e ciências sociais.** São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth. Mulher: pesquisa e ensino. Datilografado. Biblioteca do Núcleo de estudos Interdisciplinares sobre a Mulher/NEIM. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia. S.d. 20 p.

TEIXEIRA, Simone Andrade, FERREIRA, Sílvia Lúcia e MARQUES, Patrícia Figueiredo. Interseções entre ONG feministas e Núcleos de Estudos acadêmicos feministas brasileiros. **Seminário Internacional fazendo Gênero 8. Florianópolis.** CD. Anais Simpósio Internacional Fazendo Gênero 8. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 25 a 28 de agosto de 2008.